

Papéis Avulsos de Zoologia

PAPÉIS AVULSOS ZOOL., S. PAULO, 30 (19): 289-294

20.I.1977

SOBRE UMA NOVA ESPÉCIE BRASILEIRA DO GÊNERO *AEGLA* LEACH, 1820 (DECAPODA, ANOMURA)

NILTON J. HEBLING (*)
WALDIR RODRIGUES

ABSTRACT

A new Brazilian fresh-water decapod Crustacea, Aegla perobae n. sp. is described and illustrated, upon a series of specimens collected near São Pedro, São Paulo State. The new species is compared with other Brazilian species, especially those characterized by the presence of a rostrum belonging to the Pacific type in Schmitt's classification.

INTRODUÇÃO

Presenteados pela licenciada Célia Regina Schiavinato com alguns crustáceos de água doce, pertencentes ao gênero *Aegla* Leach, 1820, procedentes de um local ainda não registrado como de ocorrência (município de São Pedro, Estado de São Paulo), imediatamente procedeu-se a um levantamento sistemático, com o objetivo de identificar a espécie em questão.

De acordo com Schmitt (1942), o gênero *Aegla* apresenta dezoito espécies e duas subespécies, endêmicas à América do Sul, distribuídas entre as latitudes de 20°30' S e 40°28'S. Deste total, cinco espécies e uma subespécie pertencem à fauna brasileira, com os seguintes registros de ocorrência:

- A. parana* — Rio Negro, Estado do Paraná.
- A. platensis* — Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina.
- A. castro* — Castro, Estado do Paraná.
- A. franca* — Franca, Estado de São Paulo.
- A. odebrechtii* — Blumenau, Estado de Santa Catarina.
- A. odebrechtii paulensis* — Alto da Serra e Perus, Estado de São Paulo; Castro, Estado do Paraná.

Anteriormente ao trabalho de Schmitt (1942), quase nada se conhecia a respeito das várias espécies da família Aeglidae, a não ser registros isolados sobre a ocorrência e sistemática de algumas espécies. Tais estudos foram efetuados por diversos autores, entre os quais Lucas (1876, 1891), Berg (1898), Nobili (1898), Moreira (1901), Luederwaldt (1919) e Schmitt (1940).

(*) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro UNESP
C.P. 178 — Rio Claro, Estado de São Paulo.

Posteriormente, Mac Donagh (1945) publicou algumas considerações sobre a ocorrência do gênero em águas parcialmente subterrâneas e Ringuelet (1948, 1948a, 1949) redescreveu as espécies argentinas, com a adição de mais duas novas espécies, ao mesmo tempo em que agrupou duas das espécies de Schmitt em apenas uma. Mais recentemente Turkey (1972) publicou a descrição de mais duas novas espécies brasileiras: *A. cavernicola* e *A. strinatii* encontradas no Estado de São Paulo.

Constam ainda da bibliografia alguns trabalhos relacionados com aspectos biológicos entre os quais destacam-se os de Bennati-Mouchet (1932), Bahamonde & López (1961) e López (1965).

Pela análise do material recebido verificou-se que os exemplares enquadram-se perfeitamente na descrição genérica mas que é impossível colocá-los entre as espécies de *Aegla* conhecidas atualmente, o que nos levou a caracterizá-los como uma nova espécie.

Para a sua descrição adotou-se a mesma nomenclatura utilizada por Schmidt (1942) e Ringuelet (1948, 1949), cujos trabalhos serviram também de base para os estudos sistemáticos relativos às comparações com outras espécies, aliados ao exame de exemplares de *Aegla debrechtii paulensis* e *Aegla franca* conservados em álcool, emprestados pelo Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.

***Aegla perobae* n. sp.**

(Fig. 1: a, b, c, d, e)

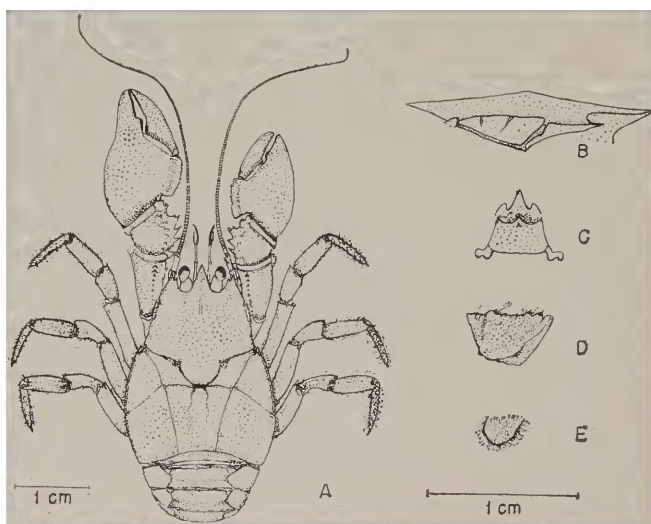


Fig. 1. *Aegla perobae* n. sp. Holótipo macho: A, vista dorsal; B, vista lateral da região anterior do cefalotórax; C, sternum do terceiro e quarto somitos torácicos; D, margem interna ventral do isquio do quelípodo esquerdo; E, vista lateral do epímero do segundo somito abdominal.

Holótipo: 1 macho — Gruta da Peroba, São Pedro, Estado de São Paulo. 18.I.1973 — Registro N.º 4005, Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.

Parátipos: 12 machos e 4 fêmeas — mesmos dados — Registro N.º 4006.

Descrição — É uma espécie de tamanho moderado, atingindo no máximo 25 mm, tomando-se como índice o comprimento do cefalotórax, incluindo o rostrum. Carapaça com a região gástrica ligeiramente convexa. O rostrum pertence ao tipo Pacífico, na classificação de Schmitt (1942), e ultrapassa as córneas oculares somente no seu quarto distal. Medido do ápice até o nível da concavidade do sinus apresenta um comprimento equivalente a 1/6 do comprimento do cefalotórax (incluindo o próprio rostrum). Transversalmente é achatado e apresenta no dorso uma carena bem acentuada que se prolonga do seu ápice até a altura da margem anterior dos lobos protogástricos. Nas regiões laterais à carena o rostrum é moderadamente escavado, em direção às margens laterais que são providas de pequenas escamas, voltadas para a região anterior. Seu ápice é reto, terminando em uma proeminência córnea. A margem anterior dos lobos protogástricos e as proeminências epigástricas são muito pouco diferenciadas, constituindo pequenas elevações, arqueadas para a frente. Os espinhos ântero-laterais são bem desenvolvidos ultrapassando bastante os espinhos orbitais; distalmente são ligeiramente voltados para cima, terminando em uma ponta córnea. Os espinhos orbitais são pequenos, com as pontas córneas delimitando sinus extraorbitais de tamanho moderado, ou seja, 3 a 4 vezes menores que os sinus orbitais, seguindo os mesmos métodos de medida adotados por Ringuelet (1948, 1949). O primeiro lobo hepático apresenta uma escama apical e é separado do lobo ântero-lateral por um sulco raso e estreito; o segundo e o terceiro lobos hepáticos são muito pouco diferenciados pois os sulcos que os delimitam são pouco evidentes. A mão é muito grande, ovalada, com a palma intumescida na região mediana. Sua pilosidade é bastante escassa, limitada à superfície interna dos dedos. O dedo móvel é desprovido de lóbulo basal externo. O lóbulo interno é bem desenvolvido e recoberto por escamas córneas achatadas e justapostas, formando uma superfície convexa. O dedo fixo também apresenta, na base interna, um lóbulo com formação idêntica ao do dedo móvel, mas com uma superfície plana. As pontas dos dedos são acolheradas e córneas no ápice. A crista palmar é grande, escavada na superfície dorsal e dotada, na margem, de pequenos espinhos córneos. Sua margem proximal forma um ângulo reto ou ligeiramente agudo. O carpo do quelípedo apresenta, na margem interna, 5 espinhos de pontas córneas que crescem em tamanho da região proximal para a distal, com exceção do 5.º que é menos desenvolvido que os demais e justapostos ao 4.º, em alguns exemplares. A estes 5 espinhos segue, na região mais distal, o lóbulo ântero-interno dotado de 5 pequenos espinhos na sua parte proximal. A crista carpal é bem baixa, limitada a pequenas elevações transversais. Mero com a região dorsal provida de uma crista de espinhos arredondados, com as pontas córneas, que crescem em tamanho da região proximal para a distal. Em sua face interna ventral, o mero apresenta uma segunda fileira com 5 espinhos bem desenvolvidos, também com ápice córneo. Ísquio com a margem interna ventral dotada de 4 espinhos (às vezes 3 ou 5) de pontas córneas, com o 1.º e o 4.º maiores que os dois medianos. Ângulo ântero-dorsal do epímero, do

segundo somito abdominal, muito pouco pronunciado com um ou nenhum espinho córneo. Quando presente este espinho é muito pequeno e, em alguns exemplares, só ocorre em um dos lados do corpo. Coloração geral parda, com alguns exemplares tendendo para o castanho escuro.

DISCUSSÃO TAXONÔMICA

Em relação às outras espécies brasileiras pode-se destacar que a presença em *A. perobae* de um rostrum do tipo Pacífico exclui as suas afinidades com *A. parana*, *A. platensis*, *A. castro* e *A. franca*, que o apresentam maior e do tipo Atlântico. Além disso, qualquer uma destas quatro espécies é significativamente maior que *A. perobae* pois, de acordo com as medidas efetuadas por Schmitt (1942) e Ringuet (1948, 1949), pode-se verificar que *A. parana* atinge 44 mm, *A. platensis* 39 mm, *A. castro* 28.5 mm e *A. franca* 30.5 mm. Para *A. perobae* constatou-se um tamanho máximo de 25 mm em 2113 exemplares examinados, em diferentes épocas do ano.

Considerando-se *A. cavernicola* e *A. strinatii* verifica-se, pelas descrições e considerações originais de Turkay (1972), que estas espécies são estreitamente relacionadas com *A. franca*. A este relacionamento com uma espécie bem distinta de *A. perobae* alia-se ainda a presença de um pedúnculo ocular cônico em *A. cavernicola* e um rostrum curto, não ultrapassando o bordo distal da córnea, em *A. strinatii*, caracteres não observados na nova espécie.

Pelo fato de *A. perobae* apresentar o rostrum do tipo Pacífico, acredita-se que seja mais relacionada com *A. odebrechtii* e com a subespécie *A. odebrechtii paulensis*. Difere destas, no entanto, por apresentar: rostrum mais estreito e menos deprimido lateralmente; carena do rostrum prolongando-se até o ápice deste; lobos protogástricos e proeminências epigástricas muito pouco diferenciadas; ausência de lóbulo basal externo no dedo móvel do quelípodo; ângulo ântero-dorsal do epímero do segundo somito abdominal muito menos pronunciado, com um espinho córneo pequeno, em alguns exemplares.

Admitindo-se *A. odebrechtii* e *A. odebrechtii paulensis* como espécies distintas, verifica-se que outros caracteres diferenciais podem ser somados aos acima citados, tais como: as dimensões dos sinus orbital e extraorbital; a forma e o desenvolvimento da crista palmar; a diferenciação dos lobos hepáticos; o tamanho dos espinhos orbital e ântero-lateral.

Embora Schmitt (1942) já tenha colocado dúvidas quanto à atribuição da categoria de espécie ou subespécie a *A. odebrechtii paulensis*, deve-se considerar que parece tratar-se de duas espécies separadas, não só pelos aspectos morfológicos, mencionados pelo referido autor, mas também pela distribuição geográfica, acima citada, e pelo tamanho máximo dos indivíduos coletados. Segundo Schmitt (1942), *A. odebrechtii* atinge um tamanho máximo de 28 mm (em uma amostra de apenas 9 exemplares) enquanto *A. odebrechtii paulensis* não ultrapassa 22.5 mm (em uma amostra de 1051 exemplares), de acordo com López (1965).

Futuros estudos poderão revelar a veracidade destas afirmações, além de esclarecer os pormenores relacionados com a distribuição geo-

gráfica das espécies mais setentrionais, que atualmente encontram-se ilhadas nos riachos das serras de maiores altitudes, onde a temperatura é mais baixa e a oxigenação mais intensa.

REFERÊNCIAS

BAHAMONDE, N. & LÓPEZ, M. T.

1961. Estudios biológicos en la población de *Aegla laevis laevis* (Latreille) de El Monte. *Inv. Zool. Chil.* 7: 19-58, 27 figs.

BENNATI-MOUCHET, S.

1932. Notes sur la biologie du galathéide *Aegla laevis* (Latr.). *Bull. Soc. Zool. France*, 57: 316-340, 14 figs.

BERG, C.

1898. Observations sur l'*Aegla laevis* (Latr.) Leach. *Comun. Mus. Nac. Buenos Aires*, 1(1): 7-8.

LÓPEZ, M. T.

1965. Estudios biológicos en *Aegla odebrechtii paulensis*, Schmitt. *Bol. Fac. Fil. Ci. Letr. U. S. P. Zoologia*, 25: 301-314, 7 figs.

LUCAS, P. H.

1876. Note on *Aegla laevis*. *Ann. Soc. Ent. France*, 6: 110-111.
1891. Note on *Aegla laevis*. *Ann. Soc. Ent. France*, 60: 89.

LUEDERWALDT, H.

1919. Lista dos crustaceos superiores (Thoracostraca) do Museu Paulista que foram encontrados no Estado de São Paulo. *Rev. Mus. Paulista*, 11: 1-151, 5 pls.

MAC DONAGH, E. J.

1945. Sobre un pez y un cangrejo de aguas parcialmente subterráneas de Mendoza. *Notas Mus. La Plata*, 10 (Zool. 90): 325-334.

MOREIRA, C.

1901. Crustaceos do Brasil. *Arch. Mus. Nac. Rio de Janeiro*, 11: 1-151, 5 pls.

NOBILI, G.

1898. Sopra alcuni decapodi terrestri e d'acqua dolce dell'America Meridionale. *Ann. Mus. Civ. Stor. Nat. Genova*, 19(39): 9-14.

RINGUELET, R.

1948. Los "cangrejos" argentinos del género *Aegla* de Cuyo y la Patagonia. *Rev. Mus. La Plata*, 5(34): 297-347.
- 1948a. Una nueva *Aegla* del nordeste argentino. *Notas Mus. La Plata*, 13 (Zool. 111): 203-208.
1949. Los anomuros del género *Aegla* del nordeste de La República Argentina. *Rev. Mus. La Plata*, 6(36): 1-45.

SCHMITZ, W. L.

1940. Two new species of *Aegla* from Chile. *Rev. Chil. Hist. Nat.* 44: 25-31, 5 pls.
1942. The species of *Aegla*, endemic South American fresh-water crustaceans. *Proc. U.S. Nat. Mus.* 91: 431-519, 4 pls.

TURKAY, M.

1972. Neue Höhlendekapoden aus Brasilien (Crustacea). *Rev. Swiss. Zool.* 79(15):415-418.

